



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 4, v. 1 | nov 2015.-abr. 2016
p. 275-294

Os voos de uma borboleta: de bicha preta favelada a professor universitário

Eliana Peter Braz¹

RESUMO: Um personagem construído como sujeito de pesquisa a partir da interlocução da autora com um grupo de professores. Discursos normativos que interpelam esse personagem – tentando fixá-lo em identidades e posicioná-lo socialmente. As formas como ele resiste a esses discursos em alguns espaços de formação, constituindo sua subjetividade *com e apesar* das marcas identitárias a ele atribuídas – negro, pobre, gay – e ocupando papéis e espaços sociais diferentes daqueles que lhe são destinados. Assim se resume este trabalho que trata genealogicamente da trajetória de um professor universitário, analisada com referencial teórico de Butler, Certeau, Foucault, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade; sexualidade; raça.

Abstract: A character built as a research subject from a dialogue between the author with a group of professors. Normative discourses that interpellate this character - trying to fix him on identities and trying to position him socially. The ways as he resists these discourses in some areas of formation, constituting his subjectivity *with and in despite of* the identity marks attributed to him - black, poor, gay - and occupying different roles and social spaces of those intended to him. This is the summary of this work that address genealogically the trajectory of a university teacher, analyzed with the theoretical framework of Butler, Certeau, Foucault, among others.

Keywords: subjectivity; sexuality; race.

Resumén: Un personaje construido como un sujeto de investigación desde el diálogo de la autora con un grupo de profesores. Existen discursos normativos que desafían este personaje - intentan fijarlo en identidades y situarlo socialmente. Las maneras por las cuales el personaje resiste a estos discursos en algunos espacios de formación constituyen su subjetividad con y a pesar de las marcas de identidad atribuidas a él - negro, pobre, gay - y ocupando papeles y espacios sociales distintos de los que le están destinados. Así, este trabajo busca tratargenealógicamente la trayectoria de un profesor universitario, analizado con referencial teórico de Butler, Certeau, Foucault y otros.

Palabras clave: subjetividad; sexualidad; raza.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: braz.eliana@gmail.com

Recebido em 21/02/15
Aceito em 06/08/15

*aceita
o voo é o leito
da borboleta
Joca Reiners Terron*

1. *Ângelo – borboleta é pétala que voa...*

Ângelo parece uma coisa íntima que se exteriorizou². No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu, nem das pessoas que entrevistei para este estudo: era de todo o mundo, era de Ângelo.

Por enquanto, *Ângelo tem uma tarja sobre o rosto que lhe esconde a identidade, mas já sabemos algo que lhe marca, talvez não a identidade, mas parte dela, Ângelo tem a pele negra. A carne mais barata do mercado é a carne negra!*, grita Elza Soares³.

Consigo ver, embora mal e mal, Ângelo de pé junto a mim. Ei-lo que se aproxima um pouco mais. Depois senta-se ao meu lado, debruça o rosto entre as mãos e chora por ter sido criado. Consolo-o fazendo-o entender que também eu tenho a vasta e informe melancolia de ter sido criada – eu, Ângelo, que nunca tinha pensado em escrever uma narrativa, vi-me às voltas com a tua criação naqueles dias de intensa desacomodação e necessidade de expressão para além do convencional academicismo no curso de mestrado. Ângelo, eu também fiz meu lar em ninho estranho e também obedeço à insistência da vida. Minha vida me quer escritora e então escrevo. Não é por escolha: é íntima ordem de comando.

Vejo que Ângelo não sabe como começar. Nascer é difícil. Aconselho-o a falar mais facilmente sobre fatos? Coragem, Ângelo, comece sem ligar para nada.

Ângelo – Eu, gazela espavorida e borboleta amarela... Ou melhor... Preta, borboleta preta. Borboleta é pétala que voa...

² Ângelo foi composto como um personagem sujeito de pesquisa que dialogaria comigo no texto final de minha dissertação. É inspirado na história de vida de um grande amigo, mas também nas vivências de outros amigos e nas minhas próprias, em situações de discriminação que nos afetaram e nos afetam. Este trabalho é parte de minha dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel em 2013.

³ Trecho da canção “A carne”. Autores: Seu Jorge / Marcelo Yuka / Wilson Cappelletto. Intérprete: Elza Soares. Do álbum: “Do cóccix até o pescoço”, de 2002. Os demais trechos em itálico nesta sessão são adaptações do texto de Clarice Lispector (1978, p. 14) “Um sopro de vida: pulsações”



2. Na casa da família – Já é preto, já mora na vila... e ainda por cima, bicha!

Quando lhe perguntei como havia “descoberto” que era gay, me respondeu:

Houve uma descoberta? Eu sempre pergunto isso... Não houve uma descoberta da minha sexualidade. Acho que as coisas, como vários outros territórios da minha vida, as coisas foram acontecendo e eu fui descobrindo a minha forma de lidar comigo, a forma como eu me colocava para as coisas, aquilo que prendia o meu olhar, aquilo que atraía o meu olhar em várias coisas. E aquilo que atraía o meu olhar foi me levando a compreender a sexualidade, mas não a descobri-la, porque a ideia de descobrir parece que tem uma coisa encoberta, que já estava lá, que me antecede, que antecede a mim mesmo e aí eu descobri... não, ela foi sendo construída, aos poucos...⁴

Não podemos esquecer que Ângelo é professor universitário, sua dissertação de mestrado teve como tema artes visuais, educação e gênero. Suas falas refletem muito o que ele estudou, pensou na sua formação acadêmica e na sua prática profissional. Certamente leu Foucault, Butler, entre outros autores que pensam a sexualidade como produção cultural. Mas refletem também outros aspectos de suas vivências. Suas incoerências e contradições aparecem nesta escrita, e longe de entender isso como falhas na narrativa que estamos construindo, as compreendo como potências para a discussão. Nem Ângelo nem eu nem qualquer um de nós está imune ao pensamento moderno e aos regimes de verdade construídos a partir dele. Muitas vezes, Ângelo me diz: *Eu vou jogar no lixo aquela dissertação e vou te dizer uma coisa...* e seguem-se enunciados que reivindicam certezas, seguranças, normas claras e bem definidas.

Somos o que somos, inclassificáveis, canta o Ney Matogrosso.⁵ Mas a racionalidade tão cara ao pensamento moderno existe e insiste em nos definir. Ou melhor, existimos e insistimos na categorização e, de forma mais ou menos intensa, de acordo com a conveniência, buscamos identificações, identidades. Constituímo-nos como sujeitos em um processo relacional, em determinado tempo e espaço, e coube a nós – a Ângelo, a mim, a ti – justamente, esse espaço-tempo moderno-pós-moderno. Convivemos com as categorias que definem o sujeito moderno, mas as deslocamos, as desconstruímos, as ressignificamos. As identidades modernas, na contemporaneidade, estão em processo de desessencialização. Aspectos biológicos, genéticos que antes validavam a naturalização dessas categorias estão sendo questionados. Não há um consenso e

⁴ A partir desta sessão, os trechos em itálico – quando não houver outra referência explícita – são extratos de entrevistas realizadas para esta pesquisa.

⁵ Trecho da canção “Inclassificáveis”. Autor: Arnaldo Antunes. Intérprete: Ney Matogrosso. Do álbum “Inclassificáveis”, de 2007.



não estamos livres das perspectivas essencialistas do que seja ser homem, ser negro, ser gay, ser pobre etc. e dos efeitos que elas produzem na sociabilidade. Pensar-se fora desse contexto seria negar a contingência social e histórica na constituição da subjetividade.

Quando insisto com a pergunta *Mas em algum momento tu te deste conta que gostavas de meninos e não de meninas como se esperava...*

– Ah, eu acho que eu sempre soube... Eu tenho cenas impressionantes da minha mãe, cenas muito marcantes, do tipo... eu tinha um cartaz do Paulo Ricardo, do RPM⁶, ele estava sem camisa, e eu adorava aquele cartaz. Eu adorava. Não sabia por que, óbvio, mas eu adorava aquele cartaz. E a minha mãe percebeu que eu adorava mais do que devia aquele cartaz, e ela colocou o cartaz fora... Sempre baphona... E eu chorei loucamente, até hoje eu procuro aquele cartaz...

A família colabora no processo de normatização da sexualidade ao tentar adequar os indivíduos ao *socialmente aceito*. Comportamentos que indiquem um desvio à heterossexualidade são detectados como anormais e, a partir desse pressuposto, são efetuadas tentativas de correção.

E uma vez... a gente vendo uma revista Manchete⁷... eu nunca mais esqueci disso... A gente vendo a revista Manchete, e tinha uma foto do Gala Gay⁸, nós estávamos sentados, no quarto, na cama da minha avó, e ela me dizia "Isso aqui é feio, isso aqui não se faz". Ela tinha um pânico...

A família é a primeira a saber e a última a admitir, diz o dito popular. A mãe de Ângelo, quando lembra desse episódio, avalia: Não queria que ele sofresse, que fosse por um caminho errado, o mundo não perdoa. Eu lembro de uma amiga que dizia "Que tristeza p'raquela mãe...", quando ela falava de uma outra que tinha um filho puto. Como se o guri fosse um bandido, um ladrão... Era uma criança! Imagina o que não ia dizer do meu? Já é preto, já mora na vila... e ainda por cima, bicha! Naquela época eu entendia as coisas diferente... Eu não acreditava que pudesse ser. Quando eu soube, quando ele me disse e não voltou atrás, eu ainda não queria acreditar... Levou tempo para eu entender que ser bicha ou não ser bicha não faz alguém ser melhor ou pior... Tem muita bicha ordinária, mas também tem muito machinho que não vale nada. O meu filho, fora isso – mas é porque eu é que não entendia – nunca me deu desgosto. Nunca aconteceu de eu precisar dele e ele não me ajudar. Mas foi só depois de um bom tempo que eu entendi que a vida dele não ia ser um "Gala Gay".

⁶ Banda de música pop que fez sucesso no início dos anos de 1980.

⁷ A revista Manchete foi publicada semanalmente de 1952 a 2000 e utilizava, como principal forma de linguagem, o fotojornalismo.

⁸ Baile de Carnaval tradicional do Rio de Janeiro. A revista Manchete fazia uma cobertura fotojornalística desses bailes, com imagens, no mínimo, "irreverentes".



Quanto a ser negro, no ambiente familiar, Ângelo não percebia a cor de sua pele como algo diferente.

Eu vim de uma família em que as distinções entre negros e brancos eram muito específicas, porque eu vim de uma família em que a minha avó era branca, branca, branca, que nem uma folha de papel, e o meu avô era negro, negro, negro, negro, como a noite sem luar... Os pais da minha mãe, os que eu conheci. Eu não conheci os meus avós paternos. Estou falando da minha família materna, que é a família que eu tenho. Eu nunca tive contato com a minha família paterna. [...] Eu sempre tive primos mais claros que eu, mais escuros que eu... quando a minha família se reunia, o tema cor não era algo que entrasse em debate. Saindo da minha esfera familiar, eu morava no bairro Navegantes, que era um bairro pobre e, conseqüentemente, eminentemente formado por famílias negras pobres. Então também não havia um contraste⁹.

Paul Gilroy (2007) denomina de *raciologia* o regime de verdade que institui a categoria raça e, em consonância com o pensamento de Judith Butler, chama de *racialidade compulsória* a necessidade de inscrição do sujeito nessa categoria. Segundo o autor, as retóricas multiculturalistas e antirracistas permanecem enredadas em um continuado discurso de essencialização da diferença. Seguindo a lógica da teoria *queer*, acredito que seja produtivo para esta análise discutir o lugar da racialidade nas relações sociais. O conceito de *performatividade de gênero*, elaborado por Judith Butler (2010), pode ser deslocado e/ou ampliado para a análise do aspecto racial como uma ferramenta para a desnaturalização e desessencialização do que seja *ser negro*. Assim como a expressão heterossexualidade derivou da expressão homossexualidade – a branquitude/branquidade¹⁰ surge a partir da noção de negritude, buscando dar visibilidade ao que ficou estabelecido como referência que não precisa ser nomeada.

Nesse exercício de desconstruir e pensar sobre essas relações, utilizo a expressão *brancorracionalidade*, em analogia à heterorracionalidade. Claro que são relações diferentes entre sexualidade e racialidade, mas deixo em suspenso essa diferença por enquanto. Quero pensar na normativa que faz com que brancos e negros pensem e ajam segundo regras que nem sempre estão evidentes, mas são subjacentes a um tipo de racionalidade. A *branconormatividade*, assim

⁹ Há uma população negra significativa na cidade de Pelotas, principalmente, em sua periferia. O Censo Demográfico (IBGE) de 2000 estimava que a população negra de Pelotas fosse em torno de 16%, o que colocava a cidade como sendo a que possui a maior população absoluta de negros ou pardos no interior do estado do RS. O bairro onde Ângelo viveu na infância é um desses locais que concentra uma população pobre e negra.

¹⁰ No Brasil, a maioria dos pesquisadores sobre a identidade racial branca utiliza o termo “branquitude”, como contraponto à negritude. A partir de 2004, com o lançamento do livro *Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo*, da norte-americana Wron Ware, a expressão “branquidade” passou também a ser utilizada.



como a heteronormatividade, é um regime de verdade a que estamos submetidos, independente da cor da pele ou da sexualidade de cada um.

Há uma heterorracionalidade que busca uma identidade fixa, que deve orientar o pensamento: “o normativo, o legalizado, o aceito, o natural, em oposição ao monstro, ao fora da lei, ao rejeitado, ao artificial” (SILVA e VIEIRA, 2009, p. 196). Entendo que existe também uma *brancorracionalidade* que se pauta pelo mesmo dualismo, com suas regras e exceções. Assim como homossexuais e heterossexuais não estão livres de uma racionalidade heteronormativa, brancos e negros também não estão livres de uma racionalidade *branconormativa*. Talvez por isso a discriminação muitas vezes não seja percebida como tal, pois é mascarada por esses regimes de verdade. Talvez por isso, na família de Ângelo *dizer, por exemplo, aquele nego isso, aquele nego aquilo, usando “negro” de forma pejorativa era algo corrente, algo cotidiano. Nunca se problematizou... Nunca ocorreu que pudesse ser ofensa dizer isso, embora fosse utilizado nesse sentido.*

Esse modo de pensar dificulta a percepção dos processos sociais que criam a diferença e a discriminação a partir da referência branca, heterossexual e de classe média.

Uma coisa que é interessante é que a escola também me trouxe noções de marcas, mas sempre na marca de ser bicha. Eu não lembro de a marca de ser preto ter interferido na minha vida escolar, por exemplo. Nem na adolescência, nem na infância, nem no ensino fundamental nem no ensino médio. Eu fui perceber isso lá, depois, na maneira como eu me colocava, ali, eu acho que algumas coisas que eu fiz, a forma como eu defendo as coisas que eu penso, as minhas posições sejam teóricas, sejam posições de vida ou teóricas e de vida, ali há muito pouco tempo eu fui perceber que... talvez seja isso...

Talvez porque as discussões sobre racismo sejam mais consolidadas na nossa cultura, talvez porque racismo seja crime¹¹ e homofobia não, a discriminação contra negros é mais sutil do que a discriminação contra LGBTs e as vítimas dessas formas de discriminação nem sempre as percebiam como tal¹².

¹¹ O racismo foi incluído como crime hediondo na Constituição de 1988. A criminalização da homofobia tem sido alvo de debate, mas não configura como crime na legislação brasileira.

¹² De acordo com pesquisa realizada a respeito de violências nas escolas do Distrito Federal, os índices relativos aos preconceitos *sofridos* na escola diferem substancialmente dos *observados* pelos alunos: o de homofobia de 63,1% (observado) para 3,9% (sofrido); de 55,7% (observado) para 12,6% (sofrido) em relação ao racismo (ABRAMOVAY, 2009, p. 190).



3. Na escola como aluno – a fúria heterorreguladora

Teve toda aquela palhaçada, a história da bichinha... sempre teve... Teve uma época, quando eu mudei de colégio... Porque a escola que eu estudava era de crianças mais ou menos como eu, tinham a mesma idade que eu e eram crianças como eu, a gente se conhecia desde os primeiros anos na escola. Quando eu mudei de escola e fui pra uma que era horrível em todos os sentidos... Era uma escola suja, mal cuidada, os alunos que estudavam lá vinham de famílias com... uma... estrutura social e econômica, de segurança... fragilizada... Estou usando esses eufemismos todos para dizer que eram um bando de marginais... [risos]. Bom, ali, o que interessava era que eu era bichinha e ponto. Bichinha tem que apanhar. Mas eu tinha um desespero de não me deixar intimidar, de não aceitar a agressão...

Pergunto a Ângelo como reagia, o que fazia quando se sentia agredido.

Nos primeiro anos, ainda como uma bichinha ingênua, saindo da periferia e indo estudar no centro da cidade, chorava, não na frente das outras pessoas, claro. Mas sempre foi a mesma estratégia... Quando eu entrei no colégio eu já entrei sabendo ler. Eu lembro como se fosse hoje que a minha principal resposta quando era criança, nas séries iniciais, era “Mas eu sei ler e tu não sabes”. Sempre foi... “Tu não sabes ler nem escrever, eu sei”. Agora quando era na hora do recreio que me chamavam de bichinha porque eu andava mais com as gurias, quando eu não quis jogar futebol, ali foi o que fez eu pensar que a infância e a adolescência são os piores momentos da vida de qualquer ser humano... completamente sem necessidade... a gente devia nascer com 30 anos.

Ângelo, como muitos outros, estigmatizados por normas que marcam a diferença pejorativamente, não era um *corpo que importasse* – como reafirmaram algumas professoras e a diretora dessa segunda escola em que Ângelo estudou quando sua mãe foi reclamar das agressões que o filho vinha sofrendo: - *É que ele tem um jeito... ele corre com as mãos pra cima, ele caminha rebolando. Quando os guris mexem com ele, chamam ele de bichinha, ele responde como uma bicha mesmo...*

Como bem comentou Rogério Junqueira, em uma situação semelhante: “somente uma fúria disciplinar heterorreguladora pode fazer alguém identificar/antecipar e atribuir (como em uma sentença condenatória) homossexualidade a uma criança e não se inquietar diante da violência a que é submetida, coletiva e institucionalmente” (JUNQUEIRA, 2012, p. 76).



Ângelo percebeu que ser ou parecer homossexual era entendido como algo desprezível, mais do que ser negro, já que esta condição não era questionada nem era atribuída como diferença. Ali eram *quase todos pretos ou quase pretos ou quase brancos pobres como pretos*¹³. A discriminação por ser negro foi percebida somente quando já estava na faculdade.

4. Na universidade como aluno – negro de verdade?

Em relação às marcas identitárias que acompanham Ângelo interpelando-o constantemente, a área de Artes Visuais, segundo ele, tem a peculiaridade de inquirir menos a respeito da sexualidade, *é quase uma regra ser gay*, mas foi a vida acadêmica que lhe deu a dimensão do que pode significar ser negro.

Em uma aula sobre cultura brasileira, o professor estava falando de cultura negra, e eu e uma colega, também negra, opinamos em alguma coisa, e ele disse que a nossa opinião não era válida porque nós não éramos negros de verdade. E nós perguntamos por que nós não éramos negros de verdade. E ele: Ah, vocês estão aqui, estudam na universidade, andam super bem vestidos...

Mesmo parecendo querer se distanciar de uma concepção essencialista, esse professor, ao mesmo tempo em que duvida da origem étnica de Ângelo e da colega para definição de raça, não deixa de estabelecer um lugar definido para um negro *de verdade*, que não seria nos bancos da academia, segundo ele. Mas, “[...] as bases tradicionais da identidade racial são dispersadas, sempre que se descobre serem elas fundadas nos mitos narcisistas da negritude ou da supremacia cultural branca” (BHABHA, 2013, p. 77). Ângelo se identifica como negro muito mais pela cor da pele do que pelas suas raízes negras.¹⁴ *Por frequentarmos a universidade e nos vestirmos bem, deixamos de ser negros de verdade?* – ele questiona. Segundo Bhabha, o que se deve interrogar “não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas” (BHABHA, 2013, p. 89). Ângelo não é, mesmo, um negro *de verdade*, se ser negro *de verdade* for subentendido como aquele que adere a uma cultura negra ou que assume uma identidade racial como prerrogativa para se posicionar socialmente. Ângelo se situa em entre-lugares, em zonas de contato “que questionam as divisões binárias através das quais [...] as esferas da experiência social são frequentemente opostas espacialmente” (BHABHA, 2013, P. 38).

¹³ Trecho da canção “Haiti”. Autor: Caetano Veloso. Intérprete: Elza Soares. Do álbum “Do cóccix até o pescoço”, de 2002.

¹⁴ Oracy Nogueira (1985) aponta que o racismo brasileiro é baseado no fenótipo e não na origem étnica do indivíduo.



Em outra situação, já no curso de mestrado, Ângelo conta que sentiu uma certa pressão, não exatamente discriminatória, mas indicativa de uma certa regulação pelo fato de ser negro. Mas Ângelo segue o Cântico Negro e *não vai por ali...*

E eu estudava gênero, falando de meninos e meninas, independente da cor que eles tinham, falando das representações da História da Arte Europeia e da História da Arte que está na mídia, de imagens que estão aí, de maneira geral. Meu trabalho nunca cruzou com a coisa de raça. E eu sentia que havia uma vontade, uma expectativa da minha orientadora de que de alguma maneira eu devia falar sobre raça... “Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces — / Estendendo-me os braços, e seguros / De que seria bom que eu os ouvisse / Quando me dizem: “vem por aqui!” / Eu olho-os com olhos lassos, / (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços) / E cruzo os braços, E nunca vou por ali... ”¹⁵.

E outra cena foi de um outro professor, que disse em uma aula... “É que tem também a coisa do batuque, da macumba... o Ângelo deve saber sobre isso”. Afinal eu devia saber, eu era negro... numa turma só de brancos na pós-graduação, como é que eu não ia saber...

Não foi por acaso que a vida acadêmica acordou Ângelo para o fato de ser negro. Segundo o IPEA¹⁶, a taxa de negros cursando o ensino superior no Brasil no período em que frequentou o curso de Artes Visuais foi de 2% (1998) a 3,8% (2002).

Eu realmente só fui perceber que havia preconceito e que algumas dificuldades que eu tive ao longo da minha vida, em diferentes espaços, muito mais tarde. Foi uma consciência muito mais tarde... Até então, fora todas as coisas de todas as pessoas, que eu acredito que faça parte do cotidiano de todas as pessoas, as coisas mais lugar comum, do tipo... ah, as representações de beleza são de homens brancos, ah, os brinquedos, ah, os heróis das narrativas... isso não me afetava.

5. Na escola como professor – silêncios e ruídos

Ângelo atuou no período de 2007 a 2010 como professor em uma escola da rede privada de ensino na cidade de Pelotas. Essa escola apresentava-se como uma escola tradicional, de origem lassalista, que a partir de 2004 passou a ser administrada por empresários locais, após uma crise financeira e administrativa amplamente divulgada nos meios de comunicação. Mesmo

¹⁵ Trecho do poema “Cântico Negro”, de José Régio.

¹⁶ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.



depois de desvinculada da congregação lassalista, a escola manteve a imagem de instituição com valores cristãos, preservando inclusive sua capela e estimulando atividades de cunho religioso (como missas comemorativas, celebração de primeira eucaristia etc.). Contratou professores de competência reconhecida na cidade e desenvolveu projetos de cunho artístico e cultural, além de realizar melhorias significativas em seu espaço físico. Foi através de um desses projetos que Ângelo foi admitido como professor de teatro.

Considerando o caráter conservador da instituição escolar, especialmente daquelas ligadas a instituições religiosas, verificar que uma escola particular, de orientação católica teve em seu quadro funcional, por vários anos, além de Ângelo, outros professores gays faz pensar que houve algum tipo de negociação com a norma que regula a sexualidade no ambiente escolar. Segundo ele, existe uma representação que abre possibilidades para o professor de arte. *As áreas têm determinadas representações do tipo profissional. Então, o professor de arte, ele pode fugir um pouco à norma. De uma certa maneira, até se espera que o professor de arte fuja um pouco à norma... porque existe uma ideia muito romântica que tem uma visão do artista e da arte como um território à parte, como um território à margem, um território onde as regras da conduta geral não necessariamente precisam ser aplicadas. O fato de ser professor de teatro e de ser professor de arte abriu possibilidades pra isso, mas, ao mesmo tempo a minha postura e a minha conduta profissional demonstravam que mesmo com isso, eu nunca ocupei, sei lá, o papel do artista que era incompetente, irresponsável, que chegava fora da hora ou... não, não. Se por um lado isso abriu um território, a possibilidade de dar a disciplina de arte, ficou claro que eu podia transitar por qualquer das áreas da escola com o mesmo nível de comprometimento e seriedade e cumprimento de regras e disciplinas que qualquer professor de outra área poderia cumprir.*

A direção dessa escola apostou na sua competência profissional e no reconhecimento público de sua atuação docente, deixando sua identidade sexual como um aspecto secundário, tolerável. Por outro lado, é possível supor que também Ângelo e os outros professores identificados como gays utilizavam táticas em relação à sexualidade para viabilizarem sua presença e permanência no quadro funcional da escola. Foram contratados e permaneceram na escola por sua competência, mas também porque aceitaram o acordo tácito de se comportarem de acordo com o esperado: como *gays discretos*.

Eu não falava sobre os meus namorados para os meus colegas, eu não ficava falando sobre a minha sexualidade ou dizendo do lugar que eu tinha ido no final de semana... Não. Eu tinha uma



relação estritamente profissional, comentava as minhas coisas com aquelas pessoas que eram minhas amigas dentro da escola e com quem eu tinha um convívio social também fora da escola.

Em uma sociedade em que negros são objetivados como não detentores de intelectualidade, onde “o negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário” (CARNEIRO, p. 131-132), sua fala sempre surpreende, e ele sabe fazer bom uso dessa habilidade, aproveitando as ocasiões para mostrar seu talento de orador e promover sua imagem profissional junto com a imagem da instituição. A retórica é uma técnica “cujos procedimentos não têm evidentemente por finalidade estabelecer uma verdade, mas como uma arte de persuadir aqueles a quem nos endereçamos, pretendendo convencê-los”, ela age sobre os outros, “mas sempre para o maior proveito daquele que fala” (FOUCAULT, 2010, p. 342 e 345). Ângelo sabe disso: *Se é samba que eles querem, eu tenho*¹⁷, ele diz, imitando Ney Matogrosso.

Quanto a sua relação com os alunos, tinha com eles uma ligação afetiva, mais com as alunas, é verdade. *Os alunos, claro que quase em sua maioria, alunas, me adoravam, elas me contavam coisas que não contavam para os pais, elas me procuravam na hora do recreio pra conversar sobre outros assuntos... Tinha, por exemplo, em uma turma de oitava série, uma aluna queridíssima. Super apaixonada pela minha disciplina e que constantemente me contava sobre os comentários dos outros alunos... Ela tentava demonstrar o quanto me admirava pela minha prática docente, pela pessoa que eu era, pelas roupas que eu usava e pela atenção que eu dispensava a ela, me "defendendo" junto aos colegas dela... Dizendo que eu não era gay e me afirmando constantemente que tinha certeza disso. Para ela, não poderia ser concebível que aquela pessoa que ela admirava tanto, pudesse ser gay... Mesmo tendo intimidade com ela, eu não achei que devesse dizer que sou gay, sim. Então, tinha um espaço de intimidade, mas mesmo nesse espaço de intimidade eu não achei seguro verbalizar a minha homossexualidade.*

A homossexualidade de Ângelo era perceptível, estava marcada – tanto que outros alunos não a ignoravam –, mas não era verbalmente colocada por ele. “Enquanto não se expressa em palavras, o mundo está no limbo, revela-se uma nebulosa misteriosa; mas quando palavreado, articulado e significativo, esse mesmo mundo corre o risco de descobrir-se delimitado, prisioneiro ou significado” (IANNI, 1993, p.56). Ângelo não desejava participar dessa significação, não negava, mas tampouco admitia uma identidade homossexual, não se deixando capturar pelo jogo de verdadeiro ou falso sugerido pela aluna.

¹⁷ Trecho da canção “A ordem é samba”. Autor: Jackson do Pandeiro. Intérprete: Ney Matogrosso. Do álbum “Inclassificáveis”, de 2007.



Assumir-se gay na escola não é exatamente um anunciar ser gay, existem outras formas. Quando tu não correspondeste às expectativas... Quando tu não falas de namorada, a dúvida se cria. Quando tu mostras uma imagem e tu não falas “Ah, que mulher bonita, que mulher isso ou aquilo”, uma dúvida se cria. E esse conjunto de mistérios vai fazendo com que os alunos tentem te localizar em um lugar que eles estabelecem como se fosse um lugar de certezas. E tu viras aquilo que não está, que não cabe em lugar nenhum e que precisa ser encaixado em um lugar que eles não sabem muito bem qual é.

A afirmação de que era gay entraria em choque com as regras estabelecidas para a conduta *adequada* do professor. Os discursos cristãos e médicos psicanalíticos produzem sujeitos altamente comprometidos com a concepção de um eu profundo, que em determinados momentos se revela como verdade, e “a admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial [...], que atinge a ‘essência’ do sujeito” (LOURO, 2003, p. 13), e, portanto, sua moral. Em razão disso, acredito, alguns professores, como Ângelo, preferem “calar-se a respeito daquilo que não é preciso dizer, deixar sob o benefício da sombra aquilo que se tornaria perigoso à luz do dia” (FOUCAULT, 2006, p. 87).

A moral do professor está arraigada com a sua sexualidade e a representação tradicional do docente aponta para um profissional heterossexual, como se uma sexualidade *desviante* fosse indício ou sinônimo de perversão¹⁸ e implicasse desrespeito a padrões de ética profissional. Como afirma Richard Miskolci (2009, p. 326): “uma coisa é certa, a centralidade do desejo como meio de acesso à verdade do sujeito é uma herança cristã que nos lega a associação entre sexualidade e caráter”.

Ângelo entende que o seu pacto de silêncio acerca da sua sexualidade era diferente do de outros colegas. *Existem diferentes tipos de pacto com essa norma de silêncio que talvez reafirme, sim, a heteronormatividade, mas a maneira como tu estabelececes uma relação de até onde tu vais compactuar com esse silêncio ela é particular, ela tem a ver com uma construção pessoal que não é definida apenas pelo contexto do espaço de atuação profissional, porque nós estamos no mesmo espaço, mas nós temos estratégias completamente distintas... Eu tinha colegas que viviam recebendo cantada de mães de alunos porque elas não percebiam que eles eram gays... ou pelo*

¹⁸ Há, historicamente, uma produção de discursos que associam e confundem homossexualidade e perversão. Foucault (2009) a destaca nos discursos médicos e jurídicos do século XIX. No início do século XX (1905), Freud publica “*Três ensaios sobre a sexualidade*” e escreve sobre comportamentos sexuais considerados desviantes, pois não visariam a união genital entre dois indivíduos de sexo oposto: homossexualidade, zoofilia, pedofilia, necrofilia, fetichismo, o olhar, o tocar, o sadismo, o masoquismo e o exibicionismo” (MELO NETO e SCHIMIT, 2011, p. 182).



menos não tinham certeza... De mim, duvido que alguém tenha tido alguma dúvida, embora, algumas vezes, eu percebesse uma “vontade” de ouvir uma “confissão” minha...

“A posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo é uma posição excitada e de poder [...] pode também levar a relações mais afetuosas, mas relações cuja utilidade faz parte da ótica do assimétrico, do especular e do não explícito” lembra Sedgwick (2007, p.38), e Ângelo desviava dessa confissão.

Lembra daquela minha colega? Eu nunca verbalizei pra ela “Eu sou gay”, mas ela sempre quis essa fala, ela sempre quis. Então, se eu chegava com determinada roupa, ela dizia “Mas é um luxo, olha...” e o tom de voz dela mudava para falar comigo.

Essa resposta negativa à interpelação, ou não-resposta, é uma forma de resistência: “A insubordinação, o não-acomodamento, a recusa ao ajustamento são algumas de múltiplas formas que a resistência pode assumir” (LOURO, 2009, p. 137). Não quero aqui afirmar que o armário seja uma opção desejável, “uma escolha inofensiva e interessante”, como diria Déborah Britzman (1996, p. 81), mas que, dada a contingência deste momento histórico, ele é um recurso utilizado e produz seus efeitos nas relações de poder/resistência.

O silêncio de alguns professores em relação a sua sexualidade parece confirmar a heteronormatividade, mas, ao apurarmos o ouvido, percebemos que não há um silêncio absoluto, sempre existem ruídos, que são detectados talvez na não confirmação de uma expectativa a respeito de seus hábitos, talvez na roupa que o professor veste e na forma como veste. O professor pode não afirmar sua homossexualidade, pode silenciá-la, mas não pode evitar o ruído que emite em um meio tão regulador. Esses ruídos emitidos sem intencionalidade produzem reverberações, mas talvez não tenham força suficiente para interferir na produção do discurso heteronormativo, talvez sejam muito pouco audíveis em meio a um discurso que fala mais alto e que, de tanto ser repetido, tem o *status* de verdade incontestável. Há um potencial desestabilizador nesses ruídos, mas sem uma amplificação, eles não perturbam. Talvez sejam tolerados, até assimilados, mas não transformam, não produzem questionamento sobre os regimes de verdades que assentam a heteronormatividade.

Por outro lado, talvez o assumir uma identidade sexual não normativa não perturbe tanto a heteronormatividade como se poderia esperar, talvez só inscreva o sujeito numa posição de *tolerado*. Se a verbalização de uma sexualidade não normativa estiver na mesma frequência do discurso heteronormativo, talvez não destoe, não marque diferença, talvez seja só assimilada e



também não produza questionamentos a respeito da heteronormatividade. Talvez possa ser “um salvo-conduto que possibilite uma *inclusão consentida* em um ambiente hostil, uma frágil acolhida” (JUNQUEIRA, 2011, p. 74).

A postura de Ângelo diante desses discursos é mais uma atitude ética, de cuidado de si do que uma negação de identidade. Quando lhe chamo a atenção para as evidências dessas discriminações, ele ri. - *dor não é amargura. / Minha tristeza não tem pedigree, / já a minha vontade de alegria, / sua raiz vai ao meu mil avô.*¹⁹

Essa vontade de alegria talvez seja o que motiva Ângelo a usar táticas e não o confronto direto nos embates que se apresentam. O seu repertório para a luta está mais para *a poesia (inexplicável) do que para a explicação (duvidosa) da vida.*²⁰ Ângelo busca outros modos de vida a partir da sua implicação com a arte, pelo que lhe afeta, e o que lhe afeta ele encontra em espaços que *a priori* não seriam próprios para si. É preciso sempre negociar, usar de astúcia para fazer os deslocamentos desejados.

Nos espaços onde Ângelo circula, como vimos, não é comum o protagonismo de negros como intelectuais, mas ele afirma sua posição, desconsiderando essa normativa. De alguma forma, Ângelo produz maneiras de se inserir nesses espaços e viabilizar sua atuação profissional. Ser especialista em uma cultura elitizada lhe confere um poder/saber que ele emprega nesse sentido. Mas também as relações de amizade que Ângelo constitui lhe permitem esse acesso.

Se a afetividade, como diz Sovik (2005), é uma forma de manter o *status quo* nas relações raciais no Brasil, Ângelo a utiliza, sabiamente, para se movimentar nesses espaços. De forma alguma estou dizendo que Ângelo busca essas relações de amizade *por interesse*, por ver ali possibilidades de tirar proveito das pessoas. As pessoas são, para Ângelo, como os livros, como outras formas de produção cultural. Ele se interessa por elas pelas possibilidades de ampliação de si. Ele não se interessa por uma produção cultural pensando o que poderá fazer em termos práticos com aquele material, com aquele conhecimento. Claro que ele sabe que em determinadas circunstâncias o conhecimento acerca daquela produção cultural poderá lhe ser útil, mas não é isso que o move. Ele quer conhecer o mundo, ampliar o seu mundo. Pouco se importando com questões de classe, de gênero e de cor, Ângelo não tem preconceitos desse tipo para estabelecer amizades. O

¹⁹ Referência ao poema “Com licença poética”, de Adélia Prado.

²⁰ Adaptação do poema de Carlos Drummond de Andrade: “Se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida”. Da obra “Poesia Completa”. Editora Nova Aguilar, 2002.



que lhe interessa, muitas vezes, não é nem o caráter ou a posição política, mas o envolvimento artístico e intelectual. Ângelo não se vê como *o outro* nos lugares onde transita, pois o que entende é que é o seu saber que o aproxima, que lhe dá direito a estar naquele espaço. Se o espaço é cheio de frivolidades e falsas ostentações, ele se diverte com isso. Desfruta as frivolidades, ri das falsas ostentações. “A fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘seguranças’ de todo o tipo exige um acréscimo de astúcia, de sonho ou de senso de humor”, como diz Certeau (2012, p. 43). Se muitas vezes é tido como algo excêntrico, se percebe que o estão tratando como algo exótico, lança mão dos seus saberes, dos seus conhecimentos artísticos e retóricos e faz valer sua autoridade intelectual. As maneiras de “frequentar um lugar” abrem “uma possibilidade de vivê-las reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprar-se” (CERTEAU, 2012, p. 49). *Eu nunca assumi muito o papel de coitadinho... pelo contrário, se eu criei uma estratégia de afirmação, a minha estratégia de afirmação foi sempre ao contrário, foi afirmação do tipo “Sim, eu estou aqui, eu sou competente, sim, sim, sim, eu sei do que eu conheço, eu sei do que eu posso, eu sei do que eu sou capaz”*. Ângelo é um sedutor, seduz pela maneira de falar, de se movimentar, de sorrir – tem *a doçura de Oxum*²¹, como ele diz. Mas se Oxum é doce, é também ardilosa, nada impõe, mas convence. É água doce, mas não para, traça um caminho entre as pedras. É movimento constante. Nesses movimentos, as relações de amizade estão sempre presentes, pontuando seu ir e vir, ou melhor, seu devir.

6. Na universidade como professor - ignorando a ignorância

No final de 2010, Ângelo foi nomeado professor universitário. *Achei meu lugar no mundo!* foi seu comentário após a primeira aula na universidade. Mas, *sendo uma moça polida levando uma vida lascada*²²... Após algumas semanas me telefonou: *Tu acreditas que eu ouvi uma desgraçada lá falando mal de mim? Nós tínhamos discutido sobre o currículo de uma disciplina, mas, tá... Quando eu estou passando no corredor, horas depois, ouvi ela dizendo para uma outra... “Quem essa bicha preta favelada pensa que é? Mal chegou e já está se achando...”*. Obviamente que quando eu entrei e pedi para ela repetir, ela disse que eu tinha entendido errado e a outra concordou com ela. *Tanto que a gente falou nisso... que eu nunca tomava conhecimento dessas discriminações... logo numa universidade ouvir um absurdo desses...*

²¹ Oxum é uma divindade das religiões de matriz africana que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia.

²² Adaptação do poema de Alice Ruiz: “Sou uma moça polida / levando / uma vida lascada / cada instante / pinta um grilo / por cima / da minha sacada”. Da obra “Navalhanaliga”. Editora Zap, 1980.



Se, em um curso de Arte, ser gay é *da ordem das coisas*, como intelectual, o lugar do negro na academia brasileira é quase o da absoluta ausência e negação. Menos de 1%, conforme Carvalho (2006, p. 92).

Como salienta Ana Amélia Laborne, ser professor universitário exige capacidade de argumentação, reflexão teórica e comunicação, predicados que Ângelo tem de sobra, mas “no contexto do racismo, estes, porém, são atributos próprios do branco. [...] O negro que se inseriu academicamente acaba tendo que viver em constante alerta, como que a responder a todo o tempo indagações sobre o seu direito e capacidade de ocupar o lugar do conhecimento” (LABORNE, 2012, s/p).

Passado algum tempo, pergunto a Ângelo como tem sido o seu trabalho após o episódio.

Olha, fizemos a reforma no currículo e todos os pontos que eu sugeri foram aceitos... porque outros colegas apoiaram as minhas sugestões, porque eram boas mesmo. A Fulana aquela tem tentado se aproximar de mim, eu trato ela bem, com educação, porque sou educada. Mas ela é tão sem fundamento que nem vale à pena discutir com ela... Sigo fazendo como sempre... ignoro a ignorância... Eu quero mais é me preocupar com as minhas aulas, com os meus alunos... Eles são ótimos! Já criamos um grupo de estudos sobre Arte no Rio Grande do Sul e estamos montando um projeto bem legal, talvez daí saia o meu projeto para o doutorado.

Ignorar a ignorância, olhar à frente, apostar no aprimoramento intelectual, investir em amizades produtivas, pelo que ele conta e pelo que observo, tem sido a tônica de Ângelo desde sempre. Não é que não sofra, que não se sinta agredido, que ignore no sentido de não perceber. Desde que ingressou na universidade como aluno, os preconceitos sofridos ficaram mais palpáveis. Esse ignorar significa um esforço para ser indiferente à discriminação, não se deixar paralisar por ela.

Há pouquíssimo tempo atrás é que eu parei pra me perguntar isso... será que eu ajo, será que deveria ter uma consciência de raça que eu não tenho... mas acho que não... Eu nunca fui ligado aos movimentos gays, ao movimento negro, eu nunca fiz parte da associação de moradores do bairro Navegantes... Eu nunca comprei essas bandeiras, não que eu achasse... para usar um termo bem marxista... “como eu sou alienado, não luto pelos direitos dos meus iguais”, é porque eu sempre fui transitando pelas coisas, independente dessas marcas. A diferença hoje é que eu consigo olhar pra alguns momentos da minha trajetória e consigo ver que em alguns momentos essas marcas estavam pesando, só eu não percebia isso... Por exemplo, quando eu dou uma opinião que difere da que está circulando, pela forma como eu coloco as minhas ideias... o tom da minha



voz é alto, empostado. Os meus movimentos, a forma como eu afirmo as coisas enfaticamente é sempre lida como arrogância, "ele é muito arrogante", e esse muito arrogante vem sempre acompanhado da ideia de que eu não conheço o meu lugar. E aí está... então eu tinha um lugar, e quando eu ajo assim, eu estou ousando sair do lugar... deve ser isso. A crítica é sempre porque eu "sou arrogante", como se eu estivesse defendendo algo que fosse só meu. E eu não estou negando o fato de que em alguns momentos eu tenha agido assim, mas essa crítica tem a ver com o fato de eu ser negro, ser gay e ainda me colocar desse jeito.

O problema de Ângelo ser assim não parece ser propriamente um problema dele, mas de uma sociedade que tenta fixar espaços, comportamentos, posições de sujeito hierarquizadas, através de normas que privilegiam uns em detrimento de outros. A heteronormatividade e a branconormatividade exigem aos que não são a referência um comportamento submisso. Eles podem ser tolerados, mas não devem ousar transpor os limites estabelecidos pela hierarquia naturalizada.

As formas com que Ângelo lida com essas situações apontam para a afirmação de si como sujeito em equidade de condições. Ele não se conforma com a posição de vitimizado. A sua moral é mais a *moral do senhor* do que a *moral do escravo* em relação à atribuição de valor a si mesmo; o escravo espera uma opinião sobre si e submete-se a ela, uma vez que "o autêntico direito senhorial é criar valores" (NIETZSCHE, 2005, p. 159). Ângelo não se submete a uma opinião sobre si em termos profissionais se esta não for baseada nos valores com os quais compactua, quais sejam competência, conhecimento intelectual, experiência de vida. Escapa das tentativas de captura ao não responder à interpelação subentendida nos discursos sobre raça e sexualidade. Ele não se posiciona como negro para responder ao racismo, não se posiciona como homossexual para responder à homofobia; ele desloca a discussão para o campo da racionalidade em que essas marcas não podem ser requisitos para as avaliações.

7. O momento presente deslizando para o momento futuro

Neste estudo, procurei dar visibilidade a alguns discursos que tentam subjetivar indivíduos como Ângelo e fixá-los em identidades e espaços reservados para elas em nossa sociedade. As categorias sexualidade e raça constantemente são convocadas – algumas vezes mais sutilmente, outras nem tanto – para indicar-lhe um lugar desejável para sua atuação e necessário para a manutenção do *status quo* nas relações sociais e profissionais. Um lugar, muitas vezes, marcado por mal disfarçada tolerância, por pactos de silêncio convenientes.



Posicionado pelos discursos normativos como contraponto ao padrão, concebido como exemplo do que não se deve ser ou desejar, para vir a ter legitimidade como sujeito, Ângelo utiliza com astúcia os recursos de que dispõem, muitas vezes recursos mínimos e sem garantias. Recursos táticos, *arte do fraco*, que não tem a possibilidade de dar a si mesmo um projeto global.

O personagem é constantemente interpelado por essas categorias e mesmo não estando livre delas, as formas como responde às interpelações indicam não conformidade à hierarquização baseada nesses atributos. Ele não nega uma identidade gay como também não nega uma identidade negra, mas não as coloca como prioridade, como algo que vem antes e a partir delas – dessas identidades – pensa e age.

Se muitas vezes penso que Ângelo, de certa forma, adere ao que chamo de uma das estéticas gays contemporâneas – com alguns clichês reconhecíveis, como os modos de vestir, modos de falar, modos de dançar – também avalio que outras estéticas fazem parte de sua composição. Ele é atravessado pelas identidades de raça e sexualidade como é atravessado pelas identidades de ator, de professor, de filho, de amigo e outras tantas. Através delas encontra também o seu lugar, mas o compromisso que tem com essas identidades é antes um compromisso ético do que uma subjetivação por discursos estratégicos. O compromisso de não se deixar capturar, de não perder potência para a ampliação de seus territórios existenciais. É como se repetisse a esses discursos a música que tanto gosta: *seu olho me olha, mas não me pode alcançar [...] você não me pega, você nem chega a me ver.*²³

A constituição da subjetividade é sempre um jogo agonístico, são feitas negociações entre aquilo que é desejado e aquilo que é possível. Os discursos estratégicos tentam capturá-lo, conformá-lo a modelos consagrados, posicioná-lo como sujeito categorizado, mas é no embate diário, cotidiano, com os recursos que tem disponíveis, pelo que lhe afeta que se forma a sua subjetividade, em processos performativos, nunca concluídos. Se adere ou é capturado por esses discursos, também em muitos momentos de sua vida, Ângelo realiza movimentos táticos que despotencializam, de certa forma, a ação dos discursos estratégicos. Ele vai avançando em movimentos muitas vezes invisíveis, dissimulados, imprevistos. Os resultados são provisórios e sujeitos a retrocessos, por isso a necessidade de atenção constante e de alianças para resistir aos discursos normativos.

Sem negar a importância dos movimentos sociais e das políticas de identidades, considero, para concluir, que explicitar os discursos normativos, dando visibilidade as suas condições de

²³ Trecho da canção “Reconvexo”. Autor: Caetano Veloso. Intérprete: Maria Bethânia. Do álbum “Memória da Pele”, de 1989.



emergência a partir de situações cotidianas, bem como as formas como sujeitos ordinários – talvez não comprometidos formalmente com os discursos das políticas de identidades – também é uma forma de se contrapor e desconstruir os regimes de verdade racistas, androcêntricos, homofóbicos que perpassam a constituição das subjetividades contemporâneas. Não se trata de ser indiferente à diferença, mas desviar o foco, pensar a partir de outro ponto de vista, nos quais os acontecimentos são singulares e, como tal, não previsíveis na lógica de uma matriz identitária, na qual tudo possa estar definido. Essa perspectiva não tem a intenção de criar modelos, propor caminhos ou soluções. Ela indica múltiplas formas de se produzir singularidades.

Como a personagem de Clarice Lispector que inspirou o seu nome, *Ângelo vive para o futuro. É como se não lesse os jornais de hoje porque amanhã haverá notícias mais novas. Ele não vive das lembranças. Ele, como muita gente, inclusive eu, está ocupado em fazer o momento presente deslizar para o momento futuro. Ele quer voar. O que há de mais leve que uma borboleta?*²⁴

Referências

- Abramovay, Miriam (coord.). *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. *Educação e Realidade*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan.-jun, 1996.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivo del “sexo”*. Tradução: Alcira Bixio. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2005.
- CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *Revista da Universidade de São Paulo*, n.68, p. 88-103, dez.-fev, 2005-2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In: MOTTA, Manoel da. *Michel Foucault: ética, sexualidade, política. Ditos e Escritos V*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 82-91.

²⁴ Trecho do livro “Um sopro de vida”, de Clarice Lispector (1978, p. 36-37 e 28).



- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. Tradução: Célia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.
- IANNI, Otávio. XVII Estilos de pensamento. In: Bastos, Élide Rugai; Morais, João Quartim de (orgs.). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000: Características da População e dos Domicílios. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em 10jul2013.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Indicadores da Educação. 4. edição, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_educacao.html>. Acesso em 10jul2013.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a Pedagogia do Armário. In: SILVA, Fabiane Ferreira da (Org.). *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana: Unipampa, 2011. p. 74-92.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Revista Educação On-line*, PUC – Rio, n. 10, p. 64-83, 2012. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0>. Acesso em: 10jun2013.
- LABORNE, Ana Amélia de Paula. Identidade Racial e Trajetórias de Docentes do Ensino Superior. In: *35 Reunião da ANPED* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Porto de Galinhas – PE, 21 a 24 de outubro de 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LOURO, Guacira (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LOURO, Guacira. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Para uma vida não-facista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.
- MELLO NETO, Gustavo; SCHMITT, Lara. Perversão e contemporaneidade: um discurso equivocados? *Psicologia: Teoria e Prática*, Universidade Mackenzie, v. 13, n.2, p. 182-194, 2011.
- MISKOLCI, Richard. Afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Para uma vida não-facista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 325-338.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985.
- SEDGWICK, EveKosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, jan.-jun., 2007.
- SILVA, Aline; VIEIRA, Jarbas. Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola. *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, n. 2, p.185-200, jul.-dez., 2009.
- SOVIK, Liv. Por que eu tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica. *Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura*, v. 3, n. 2, p. 159 - 180, jul.-dez., 2005.

